



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS  
**MASSAS**

Órgão do Partido  
Operário Revolucionário

☎ (11) 95446-2020

Nº 02 - 12/1/2024



**Manifesto do Partido Operário Revolucionário (POR)**

**À classe operária, aos demais trabalhadores e à juventude oprimida**

# **Três meses de fogo e destruição praticados pelo Estado sionista! Fora as Forças de Defesa de Israel da Faixa de Gaza!**

- Pelo fim imediato de todo cerco montado pela burguesia sionista ao povo palestino dividido entre a Cisjordânia e a Faixa de Gaza!
- Combater o genocídio do povo palestino, combatendo os Estados Unidos e sua aliança imperialista.
- Unir em um só movimento anti-imperialista os explorados do Oriente Médio para derrotar o colonialismo sionista, os governos árabes pró-imperialistas e o intervencionismo das potências saqueadoras.
- Unir os palestinos em uma só luta por sua libertação nacional e pela conquista da autodeterminação.
- Dirigir o combate antissionista e anti-imperialista em direção à unificação do território da Palestina sob uma República Socialista.
- Que o movimento mundial dos trabalhadores em apoio ao povo palestino constitua uma poderosa frente única anti-imperialista voltada a combater toda forma de opressão nacional e de classe; voltada a enfrentar a escalada militar; voltada a transformar as guerras de dominação em curso em guerras de libertação; e voltada a unir o proletariado mundial em torno ao programa da revolução social.

O Estado sionista de Israel e o imperialismo, sobretudo o norte-americano, não conseguiram ocultar que a guerra contra a Faixa de Gaza resultaria em genocídio do povo palestino. E não conseguiram esconder que o genocídio é consequência histórica da implantação do Estado sionista por meio da força econômica e militar do imperialismo, tendo à sua frente primeiro a Inglaterra e, em seguida, os Estados Unidos.

A oligarquia sionista de Israel serve à burguesia imperialista, opressora e saqueadora dos povos em todos os continentes. A expulsão dos palestinos de suas terras por meio de guerras e anexações territoriais gradativas concluiu transformando o território palestino em um enclave dos Estados Unidos e aliados no Oriente Médio.

A decomposição e o fracasso do nacionalismo ára-

be em conquistar a real independência nacional fizeram parte do vitorioso processo de implantação do Estado sionista pela força das guerras. Agora, em resposta à operação militar do Hamas em 7 de outubro do ano passado, o mundo assiste a mais uma das ofensivas bélicas de Israel objetivando ampliar as anexações.

A primeira bandeira do Estado sionista e dos Estados Unidos foi a do “direito de Israel se defender”. Pre-nunciou a matança que viria a ocorrer. De fato, correspondia ao direito ditado pelo poderio militar de continuar a marcha das anexações e da subjugação total dos palestinos.

A situação da Cisjordânia se distingue apenas em grau do que se passa na Faixa de Gaza. Sob a guarda do governo da Autoridade Palestina e da polícia de Israel,

os colonos sionistas vão se apossando de mais uma parte do território. Os métodos e os meios colonizadores aplicados na Cisjordânia, como se vê, são distintos apenas no grau da violência contrarrevolucionária de dominação desfechada na Faixa de Gaza.

Qualquer resistência dos palestinos à dominação territorial pelo Estado sionista, por mais limitada que seja, é revolucionária, uma vez que contém o germe do combate pela autodeterminação da nação oprimida. O Estado sionista pratica o genocídio na Faixa de Gaza em nome de eliminar o Hamas. Concretamente, ataca e massacra a população desarmada para evitar que as massas venham a se armar em um movimento revolucionário contra seus opressores e pela defesa de sua sobrevivência nacional.

Os levantes armados dos explorados serão o caminho pelo qual percorrerá a luta revolucionária anti-imperialista. Os Estados Unidos sabem perfeitamente que o Hamas, pelo seu conteúdo de classe e por sua ideologia religiosa, dificilmente recorrerá ao armamento popular, mas, por ser uma resistência armada, expressa a tendência e a vontade dos palestinos em combater com as armas nas mãos o colonialismo genocida.

O curso da luta pelo fim da opressão nacional é o da organização de movimentos revolucionários, baseados e orientados pelo programa da revolução social, que contém a dura e violenta resistência anti-imperialista. Entre os mais de vinte e três mil palestinos mortos em apenas três meses, dois terços são de mulheres e crianças. As mulheres não estão armadas para o combate. As crianças sofrem os impactos sem poderem compreender, ou pouco compreenderem, o porquê de tantas bombas vindas das alturas e de tantos bombardeios descarregados por terra.

As Forças Armadas de Defesa de Israel não podem e não têm motivo para contar com tais diferenciações. Estratégica e conscientemente, atacam o povo palestinos que resiste há 75 anos ao colonialismo sionista-imperialista. Esse é o conteúdo histórico e a particularidade do genocídio que banha de sangue e terror a Palestina.

A África do Sul acionou a Corte Internacional de Justiça da ONU para investigar crimes de guerra e genocídio. Serve como denúncia. A ONU é conivente desde o momento que permitiu aos Estados Unidos imporem e manterem o apoio à prática do genocídio à vista de todos.

O governo Lula acertou em apoiar a ação da África do Sul. Mas, na prática, nada fez para apoiar as manifestações no Brasil e no mundo. O PT e a burocracia sindical, em palavras, condenam a matança. O governo e seus apoiadores pelo menos não se juntaram à direita e ultradireita pró-sionistas. Evidentemente, não se lançam contra o principal responsável pelo genocídio, que são os Estados Unidos e o governo Biden. O que não resulta em ação concreta para mobilizar a população pelo fim do massacre e da opressão nacional. Essa é a forma envergonhada dos nacional-reformistas de baixarem a cabeça perante o imperialismo.

A questão palestina, com mais essa conflagração, emerge com todo seu potencial de crise no Oriente Médio, que, por sua vez, reflete a crise mundial do capitalismo. Estão bem visíveis os elos da guerra na Faixa de Gaza com a guerra na Ucrânia e com o agravamento dos conflitos na África e na América Latina. As particularidades dos choques não devem ser tomadas isoladamente. Estão entrelaçadas no processo geral de decomposição do capitalismo, em meio ao qual se potencia a guerra comercial e se destacam as contradições entre os Estados Unidos e a China.

A importância do grandioso movimento de massa contra o genocídio do povo palestino está em que estabelece um marco da luta anti-imperialista, retomando os patamares do movimento pelo fim do intervencionismo dos Estados Unidos no Vietnã, na década de 1970. O problema está em aumentar sua capacidade de combate à opressão imperialista.

Não é possível uma previsão segura até que ponto o estremecimento em curso do Oriente Médio pode impulsionar conflitos generalizados. Está visível, no entanto, que a guerra contra a Faixa de Gaza reacendeu os motivos que no passado levaram o Estado sionista às guerras com o Líbano e a Síria, sobretudo. São sintomáticas as ações de Israel no Líbano, orientadas pelo imperialismo, voltadas a assassinar lideranças do Hamas. Nesse mesmo sentido, os Estados Unidos mataram um dirigente do movimento islâmico no Iraque. O atentado terrorista no Irã, assumido pelo Estado Islâmico, que ensanguentou o cerimonial de homenagem a um dos líderes das brigadas iranianas, Qassem Soleimani, assassinado pelos Estados Unidos, não constituiu em um caso isolado da cadeia de acontecimentos que perpassa o Oriente Médio. A resistência do Iêmen em apoio aos palestinos vem servindo de motivo para os Estados Unidos e Inglaterra prepararem uma intervenção no país mais mobilizado contra o poder imperialista. De conjunto, essas manifestações alimentam as tendências gerais da crise no Oriente Médio.

As manobras de Joe Biden para encontrar uma saída para a guerra na Faixa de Gaza responde à movimentação das massas contra o genocídio. Sem alcançar a liquidação do Hamas e sem a evidência de que a continuidade da carnificina vai alcançar tal objetivo, o imperialismo manobra para impor de fora um poder na Faixa de Gaza, que resulte na manutenção do controle sionista. Em três meses de tormenta, chega-se a esse ponto indefinido.

***É preciso reativar o movimento internacional e colocá-lo em um patamar mais elevado da luta anti-imperialista. Para isso, é preciso superar as ilusões sobre a possibilidade de uma solução pacificadora. Hoje, retomamos às ruas sob as bandeiras de fim imediato da guerra, retirada das Forças Armadas de Israel, eliminação de qualquer cerco sionista à Faixa de Gaza e Cisjordânia e pela autodeterminação do povo palestino. Se avançarmos as manifestações em todo o mundo sobre essa base, fortaleceremos o combate anti-imperialista pela derrota do colonialismo genocida. ■***

## Escute o Massas, podcast do Partido Operário Revolucionário

ACESSE O NOSSO CANAL:

**anchor.fm/por-massas**

(Através desse link, é possível acessar outras plataformas, como o Spotify)

No podcast Massas, você ouve episódios sobre a conjuntura nacional e internacional, e sobre as manifestações da luta de classes, além de ouvir a cobertura das atividades e atos políticos presenciais realizados pelo POR, dentre outros episódios.



**PARTIDO OPERÁRIO  
REVOLUCIONÁRIO**

